

# Nem a água purifica

**LIVRO** | Thriller traça um Brasil abençoado pela natureza e sugado por sua elite

POR PAOLO MANZO

**U**M THRILLER de 465 páginas, cujo protagonista é o recurso mais precioso do planeta: a água. *Sete* (*Sete*), romance inicial do jornalista italiano Alberto Riva, residente no Brasil desde o fim de 2004, utiliza todos os elementos do romance policial para conduzir o leitor pelos meandros mais escuros do maior giro de negócios do milênio, ou seja, o ouro azul. E não é por acaso que o romance se desenvolve justamente no Brasil, entre os céus ensolarados da Bahia e a paisagem árida e desolada ao longo do Rio São Francisco, sem desdenhar as metrópoles severas e desumanas, ricas e corrompidas, como São Paulo e Rio de Janeiro.

“Por que no Brasil? Porque um terço da água do mundo encontra-se aqui e as próximas guerras serão deflagradas por causa da água”, diz o autor a *CartaCapital*. A indústria da água movimenta no mun-

**Em vez de gerar riqueza, o “ouro azul” envenena o País quando nas mãos de empresários sem escrúpulos**

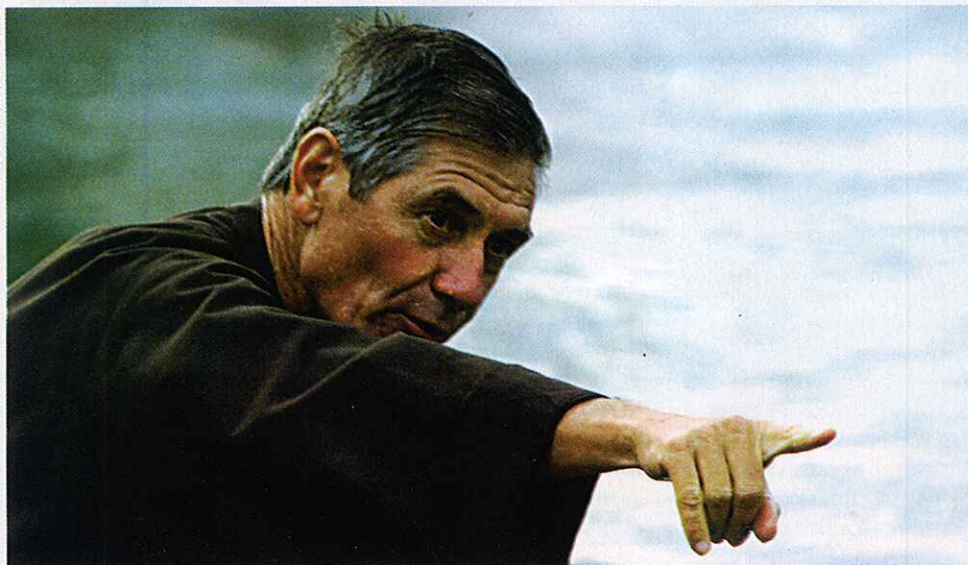
**Personagens.** *Dom Cappio e Daniel Dantas, o primeiro citado e o segundo depreendido na pele do “Dragão”, dão vida à trama policial*

do, aproximadamente, 8 bilhões de dólares por ano. E apenas o setor do engarrafamento supera em faturamento o da indústria farmacêutica. Mas o dado mais impressionante e mais grave é que, entre os 6 bilhões de habitantes da terra, mais de 1 bilhão não têm acesso à água, e mais do dobro vive em condições sanitárias precárias. É nesse cenário global que se coloca *Sete*.

**Um jovem cientista** talentoso, Matheus Braga, brilhante bioquímico e a teimoso ativista de uma organização humanitária, Sarah Clarice, encontram-se presos na armadilha de uma investigação muito arriscada. A culpa recai sobre o Rio São Francisco, cujas águas, descobre-se no início do romance, possuem uma composição química diferente da normal água potável. O rio semeia morte e deformidades entre os moradores das terras que percorre, sobretudo por causa de um dique que destruiu o ambiente à sua volta. O vilão do enredo é um misterioso homem de negócios de obscuro passado cheio de segredos. Todos o chamam “Dragão”, raramente aparece em público e a seu respeito circulam histórias de sabor lendário.

Os protagonistas do romance são muitos e todos interligados. Poderíamos até dizer que, ao enfrentar as grandes temáticas, os entrelaçamentos se somam entre si e chegam a ultrapassar os limites, penetrando na área da intriga e da corrupção. Há os vencedores e os perdedores, com uma muito tênue divisão entre eles, que zomba da ética e do respeito mútuo. Impassível, de início em segundo plano para aproximar-se em seguida para um

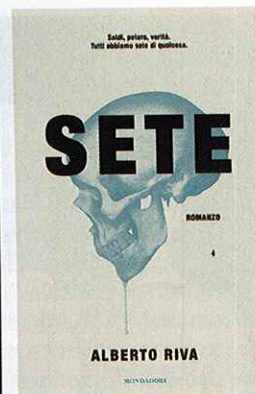
XANDÓ P./AG. A TARDE/AE



LACYER TOMAZ/AG. CÂMARA







**Estreia.** Sete é o primeiro romance de Alberto Riva

primeiro plano, nos momentos mais cruciais da trama, uma elite brasileira predadora, disposta a qualquer compromisso para satisfazer sua cobiça de poder e riqueza e sem o menor respeito pela coisa pública. “É uma classe rapinadora – diz Riva – que não consegue renunciar a nenhum de seus privilégios atávicos.” Como a família Johannsen, proprietária das terras onde corre o rio das águas venenosas, terras que uma das sociedades controlada pelo Dragão deseja adquirir a qualquer preço e qualquer meio.

“Pretendi contar um Brasil pouco conhecido na Itália, o verdadeiro Brasil, justamente em um momento de grande crescimento econômico do País”, explica Riva, que na Itália já publicou dois ensaios, um sobre o trompetista de jazz Enrico Rava, e outro sobre o Rio de Janeiro. “Quería, sobretudo, através de um enredo criado pela imaginação, que surgissem as dinâmicas reais da economia e da política brasileira, até os vezos e os tiques que como jornalista acompanho há anos.”

O leitor de *Sete* poderá reconhecer, já que são citados expressamente, Lula e a Odebrecht, mas também coligar com facilidade as personagens de ficção com as reais e controvertidas da atualidade bra-

sileira, começando com o banqueiro Daniel Dantas. Não é por acaso que no livro fala-se de Bahia e de uma pirâmide impressionante de sociedades, todas elas relacionadas com o Dragão escondido pelo biombo de nomes de fachada, os laranjas.

**Riva chama com** o seu verdadeiro nome uma das personagens, Dom Cappio, o sacerdote que se opôs à construção do dique do São Francisco e chegou a fazer greve de fome mais de um ano atrás em sinal de protesto. E assim, desde as primeiras páginas, a moral da história é a de que na vida nada é como se parece, a começar pela água, que, em vez de tirar a sede, mata. A Polícia Militar é corrupta e coloca-se, na maioria das vezes, ao lado dos fortes e dos poderosos. Os fazendeiros reproduzem em seus microcosmos lógicas de posse e ferocidade de um feudo medieval. No Brasil, a Monsanto faz *business* com as sementes OGM como em nenhuma outra parte do mundo. E o Brasil é um país onde a corrupção compromete sem escrúpulo algum colunas mestras da política e da economia, e a democracia em construção é ainda invadida por amplas zonas de sombra.

“Enquanto os ricos no Brasil tornam-se sempre mais ricos – afirma Riva – a outra

face da medalha são os pobres que mergulham nesta *no man's land*, sem direito à dignidade. É o Brasil onde uma caixa de supermercado ganha 600 reais por mês e cada dia gasta 6 reais para a condução. Um país onde os abusos de uma oligarquia voraz e corrupta são igualmente divididos sobre a pele de uma massa infeliz e submissa.” Trata-se, segundo o autor do romance, de um país onde se recomenda buscar proteção até do elemento mais neutro e inócuo, a água justamente. “É um romance ambientalista – comenta o autor – num Brasil onde se aprova um Código Florestal que representa uma ofensa insuportável para a raça humana. No Brasil, há forças antiambientais transversais, dos radicais de esquerda aos ruralistas, e este estranho, involuntário conluio é o que mais surpreende.”

No enredo há espaço para levantar a questão do Aquífero Guarany, a bacia subterrânea de água que se estende por, aproximadamente, 1,2 milhão de quilômetros quadrados, 70% em território brasileiro. “Exatamente nestes dias – diz Riva –, enquanto estou apresentando o livro na Itália, saiu a notícia de que alguns cientistas deram o alarme em relação ao aproveitamento errado do aquífero.” Às vezes, a narrativa consegue antecipar a realidade. ●